

Texto Resumo da Proposta

A Feira de Campina Grande nasce na rua. As ruas configuram cidade. A cidade se conforma como mercado. Essa dinâmica aponta para um entendimento da rua como mínimo fator comum, elemento no qual as trocas são feitas, onde freguês e fazedor se encontram.

A Feira começa na pedra da rua.

A compreensão da rua como elemento fulcral direciona a postura da intervenção aqui apresentada. Os elementos projetados procuram ter pouca presença no espaço, atuando como um fio organizacional de mínima interferência que permite a continuidade da Feira como organismo vivo. Não há necessidade de que as novas articulações sejam notadas, todo interesse está em revelar o que é imaterial.

Como uma maré que baixa e expõe o patrimônio submerso, as marquises propostas mantêm proteção para sol e chuva mas revelam a volumetria do mercado original, antes ocultada da paisagem de Campina pela escala monumental da antiga cobertura.

A intervenção parte do pressuposto de descortinar o mercado devolvendo suas feições originais de equipamento urbano, aberto e público.

Para isso ao redor dos edifícios originais se materializa um sistema estrutural metálico modular de simples montagem que cumpre três finalidades: (i) funciona como marquise que organiza os eixos principais da Feira, identificando acessos e tornando-se elemento referencial de orientação para o público; (ii) configura-se como estrutura para os espaços fixos de vendas, permitindo abrigar diferentes modelos pré estabelecidos que se adequam às especificidades dos produtos ofertados, também podendo gerar espaços expectantes de passagem e possível utilização efêmera de vendas; e, por fim, (iii) se desdobra como estrutura para os equipamentos relacionados ao plano geral da Feira, caracterizando as construções que contemplam os programas inseridos no corpo dos Armazéns, no corpo do Cassino Eldorado e no entorno do edifício do Pau do Meio, onde os novos volumes funcionam como pano de fundo para a edificação da década de 1930.

No antigo Cassino Eldorado promove-se a manutenção da imagem do edifício presente no imaginário popular campinense por meio de um apontamento estrutural que recria a espacialidade do salão principal como espaço aberto de jardim para desfrute da população.

Nos armazéns uma praça central coberta abriga uma grande mesa comunitária que se desenvolve pelo espaço. Para o térreo da praça abrem-se lojas conformadas da mesma maneira que os novos espaços da Feira, conferindo a unidade tipológica de todo o conjunto.

Nos arredores do Mercado Central pulsa com maior intensidade a principal característica que faz da Feira um símbolo cultural nacional: os ofícios da pechincha e da compra e venda, as trocas sinestésicas que inebriam os passantes e as técnicas e os saberes populares. Prioriza-se respeitar essas dinâmicas, resguardando a organização espacial-setorial e preservando as particularidades socioculturais dos tipos de vendedores, sejam eles permanentes, sazonais, ambulantes ou carroceiros.

Recupera-se a leitura morfológica do espaço público e por meio de elevação de pisos, compartilhamento de vias, criação de calçadas e aumento de superfície de zonas exclusivas para trânsito ativo e não motorizado, o estudo prioriza a qualificação das ruas de modo a garantir melhor acessibilidade e mobilidade das pessoas, oferecendo ao pedestre o protagonismo no espaço da Feira de Campina Grande.